

“Sem as ilusões do princípio” – Comentário*

Começo pelo fim.

Pois se a Colega Inês Leal se considera “médica com letra maiúscula, de quem estiver doente e precisar de mim” não se me levanta a mais pequena dúvida de que reconhece e professa a sua fé sobre os fundamentos científicos e éticos (quase sagrados arrisco-me a dizer) da Medicina Interna.

Se tem dedicado parte substancial da sua vida aos que padecem, se defende o altruísmo, se não receia o contacto com os doentes e suas famílias, se não se refugia atrás de qualquer barreira (uma técnica, quem sabe ...) ilusoriamente protectora contra os diversos medos a que os médicos não estão imunes, se tem por hábito o exercício incessante do intelecto na pesquisa das queixas e constatação de sinais, se a construção de um diagnóstico tem o valor da descoberta, se aprecia o desenho da estratégia de exploração e de cura (um interessante *puzzle*), se sente algum orgulho (comedido) com os êxitos e se perturba com e reflecte sobre os insucessos, se não hesita em se colocar ao dispor dos médicos (especialistas?) doutra formação (ainda que, ultrapassadas as dificuldades, não reconheçam a excelência da sua intervenção e omitam o justo agradecimento), se sente um apelo incontável para transmitir aos iniciados o pouco que julga conhecer, se se dedica a todas estas causas sem pensar numa qualquer recompensa, se, enfim, se revê em tudo isto, e eu tenho a certeza que assim é, então a Dra. Inês Leal é detentora da mais importante e complexa das especialidades – a Medicina Interna – que exerce com inquestionáveis dedicação paroquial e competência científica.

Por isso lhe peço que não desista, que se mantenha como “médico de serviço para todo serviço”, “do lado dos doentes”, sem esperar honrarias e encômios (lembre-se da Oração de Esculápio). Todos os doentes, sobretudo os velhos, os acamados, os socialmente desprotegidos, precisam de si, de nós, que somos cada vez menos e estamos já longe do milhar e meio que

cita na abertura do seu texto. Por isso obrigamo-nos moralmente a estar unidos nestes tempos difíceis, onde os valores são (intencionalmente?) confundidos. E a Sociedade Portuguesa de Medicina Interna, que tem ao leme gente honrada, decidida e competente, precisa de si e de todos nós para poder expandir os nossos princípios e dar a conhecer a nossa missão cada vez mais crucial e imprescindível. Saibamos contornar com sucesso a nossa falta de vocação para o associativismo profissional e científico. Anulemos, de vez por todas, a crítica inconsequente e a resignação da subsidiaridade aparente, de um grupo (nação?) “pequenino” que não se descobre nem se entende a si próprio.

Dra. Inês Leal: a Medicina Interna não está moribunda nem morta! Apenas precisa de nós, os internistas!

João Sá

*Rev Med Int 2004;11(4):216.